

*Samuel Schwarz, Cidadão do mundo, Português por opção**

Esther Mucznik

Tomar 18/20 de Novembro 2012

Nasci e cresci na Comunidade Israelita de Lisboa e não me lembro de Samuel Schwarz. No universo dos nomes que me rodeavam, esse não me era familiar. Drozdinski, Amram, Romano, Kit, Rydel, Amzalak, Baruel, Pariente, Kopejka, Ryten ou Levy, estes eram, entre outros, nomes familiares que me inspiravam carinho, receio ou indiferença, mas eram nomes presentes que acompanharam a minha infância e a minha adolescência. O nome de Samuel Schwarz não fazia parte desse grupo.

Depois de muitos anos fora de Portugal e da Comunidade, quando voltei a ingressar na “Colónia”, o nome de Samuel Schwarz continuava a ser um nome ausente: ausente dos registos mais correntes, das placas de homenagem, ausente também da memória oral das pessoas.

Por isso, o primeiro encontro com ele surpreendeu-me: foi através de um exemplar fotocopiado da “História da Moderna Comunidade Israelita de Lisboa”, escrito em 1951 em homenagem ao 150º aniversário da Comunidade Israelita de Lisboa. Essa leitura levou-me naturalmente e progressivamente às suas outras obras e trabalhos, nomeadamente “Os cristãos-novos em Portugal no século XX”, à descoberta do “seu” Museu Luso-Hebraico de Tomar, a mergulhar nos arquivos da Comunidade e no jornal editado pelo Capitão Barros Basto do Porto, o Halapid, onde encontrei algumas (poucas) referências e finalmente ao conhecimento da sua filha única, Clara. Pouco sobre o homem, mas o suficiente para perceber como a memória da comunidade tem sido injusta com alguém que foi uma das personalidades mais interessantes do judaísmo português da primeira metade do século XX.

Porque motivo é Samuel Schwarz uma grande ausência na memória comunitária, na comunidade onde viveu e participou desde a sua chegada em 1915 até à sua morte em 1953?

I. A PAIXÃO DA DESCOBERTA

A resposta é dada, de certa maneira, pela sua filha Clara: “O meu pai era um cidadão do mundo”. Dito de outra maneira Samuel Schwarz não era um homem das instituições, não era o que se pode chamar um “judeu institucional” e os cargos que ocupou quer como presidente da assembleia geral da recém-formada comunidade judaica da Covilhã, em 1929, ou no

Comité Israelita da Comunidade de Lisboa para o qual foi eleito em 1930, ou ainda para a assembleia geral desta comunidade, como seu presidente em 1950, não foram nunca cargos de grande importância, nem continuidade. A ideia com que ficamos é a de que Schwarz aceitava esses cargos quase a contra-gosto, como uma consequência natural da sua vivência judaica, mas que de modo nenhum eles constituíam o centro da sua actividade.

Quer isto dizer que ele se sentia menos judeu ou se interessava pouco pela vida judaica em Portugal? Muito pelo contrário. Samuel Schwarz tinha uma identidade judaica fortíssima, para a qual toda a sua infância, juventude e contexto familiar na Polónia foram determinantes. Mas muito mais do que a actividade comunitária e institucional, ardia nele a paixão do conhecimento, da investigação histórica, da descoberta de um mundo até então desconhecido para ele: o mundo sefardita português e ibérico, a saga dos cristãos-novos e o fenómeno cripto-judaico. É paradoxal e ao mesmo tempo altamente significativo que tenha sido um “asquenasita”, um judeu da Europa de Leste estranho a esse fenómeno cripto-judaico, a descobrir e a divulgar ao mundo a extraordinária epopeia de resistência judaica que representou o “marranismo”, a ela dedicando anos de investigação e de registo metódico. No seu trabalho, para além do interesse intelectual, sente-se uma empatia profunda, como que a necessidade de resgatar a memória desse passado doloroso, de prestar um tributo a essa resistência secular, só possível num homem com uma profunda consciência da sua identidade. Assim não é de estranhar que Schwarz dedique o seu livro “Os Cristãos-Novos em Portugal no século XX” a “todos os judeus mártires da Inquisição Portuguesa”, a “toda essa multidão anónima de vítimas, a todos esses Soldados Desconhecidos que durante séculos sofreram o constante martírio da intolerância religiosa” e os compare à “Sarça ardente que o fogo não pode consumir”, conforme a visão de Moisés junto do Monte Horeb.

II. “JUDEU DE NAÇÃO”

Judeu da Europa Central, para Samuel Schwarz o judaísmo é nação e religião e é esse binómio inseparável e indissolúvel que explica a vitalidade do povo judaico. Numa conferência sobre o anti-semitismo pronunciada em 27 de Junho de 1944,

sob os auspícios da Associação dos Cidadãos Polacos em Lisboa, ele explicita esta ideia: “As duas maiores forças que regem e sempre regeram a humanidade: a religião e a nacionalidade, ficaram indissolavelmente unidas no povo judeu, proporcionando-lhe a força necessária para resistir vitoriosamente a todas as perseguições e a todas as calamidades passadas e presentes, dando-lhe uma imortalidade nacional, tão incompreensível como desconcertante para os seus inimigos!”

Apesar do conhecimento profundo da religião adquirido pela sua educação religiosa e que lhe permite officiar, nomeadamente na sinagoga da Covilhã, Schwarz é, sem dúvida alguma, muito mais um “judeu de nação” do que um judeu de religião. Nele, o sentimento de pertencer ao povo judeu é mais forte do que a sua consciência religiosa. Não é pois de estranhar a solidariedade com os seus irmãos da Palestina que o leva a co-redigir um manifesto da organização da juventude israelita lisboeta, o Hehaber, (Apelo de 1 de Novembro de 1929) em solidariedade com os judeus de Hebron, na Palestina, vítimas de um *pogrom* árabe e a apaixonar-se pelo ideal sionista de que é testemunho, entre outros, o discurso pronunciado no Centro Israelita de Portugal, por ocasião do 1º Aniversário do Estado de Israel, a 4 de Maio de 1949. Schwarz nunca conseguiu visitar o Estado de Israel: “Foi a grande tristeza da sua vida, porque esse era o seu maior desejo, mas já se sentia cansado e doente e nunca o consegui”, afirma a sua filha Clara.

Samuel Schwarz viveu também intensamente e dolorosamente os anos da guerra e do Holocausto, que atingiu também duramente a sua família na Polónia, ajudando os refugiados da guerra na medida das suas possibilidades. Mas para ele a solução do “problema” judeu estava no estabelecimento de um Estado independente: “Tendo sido o povo judeu a maior vítima dos horrores praticados durante a actual guerra, é lícito esperar que o problema judeu seja definitivamente resolvido pela criação de um Estado Judaico independente na Palestina, ou, pelo menos de um Estado Confederado, bi-nacional, judeu-árabe. (...) “Desde que o povo judeu deixe de ser um povo apátrida e indefeso, para tornar a ser uma nação normal (...) constituindo uma nação independente, com os seus representantes diplomáticos e voz e assento no futuro areópago internacional, o anti-semitismo já terá perdido um dos seus pontos de apoio, criado pela dispersão: o da situação anormal de um povo indefeso e eterno bode expiatório!” (Anti-Semitismo, conferências por Leon Litwinsky e Samuel Schwarz, Associação dos Cidadãos Polacos em Lisboa, 27 de Junho 1944).

Judeu nacional e cidadão do mundo, a dimensão religiosa estava, como já se disse, pouco presente na sua vida, pelo menos aparentemente. “O meu pai não era um homem religioso e não me transmitiu essa faceta. Íamos à Sinagoga apenas em Kipur ou em Pessah, nem celebrávamos o Shabat” diz Clara. E no entanto quando Clara decidiu casar pelo civil com um não judeu, o desgosto do pai foi profundo. Contradições? Não tanto, porque para um homem com uma identidade judaica tão forte assistir à saída da sua própria filha

da “nação” judaica não podia deixar de representar um sofrimento e possivelmente até uma revisão dolorosa, apenas mitigada pela convicção do elevado carácter do futuro genro e da força do amor que unia o futuro casal.

III. UM HOMEM DE QUALIDADE

Samuel Schwarz foi, como todos os seres humanos de qualidade, um homem complexo: descobriu e revelou ao mundo o fenómeno cripto-judaico em Belmonte, sem no entanto aderir verdadeiramente ao proselitismo. Judeu de coração e de cabeça, participou sempre na Comunidade Israelita de Lisboa, mas sem se integrar totalmente nas suas instituições; sionista da primeira hora, nunca chegou sequer a conhecer o país com que tanto sonhou; português de adopção e dominando totalmente a língua portuguesa, profundamente reconhecido ao país que o acolheu e de que é testemunho supremo a compra e posterior oferta da Sinagoga-Museu de Tomar ao Estado Português, nunca deixou de se sentir polaco, nomeadamente através da co-fundação da Associação dos Cidadãos Polacos e da Câmara de Comércio Luso-Polaca.

Acima de tudo, Samuel Schwarz, investigador atento e simultaneamente solidário com o objecto do seu estudo, deu um importante contributo aos estudos judaicos em Portugal, que tem sido pouco realçado.

Das conversas com Clara, sua filha, fica-me igualmente a imagem de um pai afectuoso que soube estabelecer com ela uma relação de amor intenso e transmitir-lhe a energia, a inteligência e vivacidade de espírito que o caracterizavam. Em relação à sua mulher falam por si as palavras que lhe dedicou no seu livro “História da Moderna Comunidade Israelita de Lisboa”, escrito em 1951:

“Tinha prometido dedicar-te um dos meus melhores livros, O Livro de Ester (...) entretanto, inesperadamente, repentinamente, Deus quis chamar-te à Sua Divina Presença. Minado pela dor e pela saudade, venho cumprir a minha promessa, dedicando piedosamente à tua sagrada memória este modestíssimo livro, provavelmente o último que venho a publicar. Invoco a tua bondade para te pedir desculpa e o nosso amor para te dizer: Adeus, até breve.”

A Samuel Schwarz, cidadão do mundo, português por opção, judeu por destino e convicção presto a minha sentida homenagem à sua memória.

*** Publicado na Revista de Estudos Judaicos nº7, Setembro 2004, com o título “ Samuel Schwarz ou a memória ingrata* ”**